

O CONCEITO DE MORTALIDADE DA ALMA EM ARISTÓTELES E MICHELÂNGELO

Autores: Feliciano de Aragão Ponte¹ ; Ideusa Celestino Lopes²

¹ Mestrado Acadêmico em Filosofia, MAF, UVA, E-mail: felicianodearagao@gmail.com

² Docente, MAF, UVA, E-mail: ideusalopes@gmail.com

Resumo: O projeto de pesquisa aborda a relação entre filosofia e arte no contexto do Renascimento, destacando o conceito de mortalidade da alma presente na obra *De Anima* de Aristóteles, e como o texto filosófico se relaciona com a obra *Juizo Final* de Michelangelo. O trabalho propõe uma análise interdisciplinar, buscando estabelecer conexões entre a filosofia e a arte e incentiva colaborações entre pesquisadores de diferentes áreas.

Palavras-chave: Aristóteles, Renascimento, Michelangelo.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Aristóteles (384/383a.C.-322^a.C.) um dos filósofos mais influentes da filosofia antiga, possui contribuições em diversas áreas, como Lógica, Filosofia Natural e Psicologia. Ao adotar uma abordagem empirista, enfatizou a observação e categorização da natureza. Ao estudar a alma em sua obra *De Anima*, argumentou ser uma entidade ligada ao corpo e suas ideias geraram questionamentos sobre a sobrevivência da alma após a morte, tema que foi explorado por outros filósofos em épocas posteriores. Durante a Idade Média, a filosofia estava ligada à teologia e frequentemente era usada para sustentar crenças religiosas. Durante o renascimento, entre os séculos XIV e XVI, a filosofia europeia enfrentou uma crise em relação a mística teologia medieval. Nesse período, houve um interesse renovado pela natureza, buscando transcender a observação do mundo natural e atribuir características humanas as coisas. Esse renascimento cultural foi marcado pela redescoberta de pensadores antigos, como Aristóteles, que inspiraram um resgate de princípios antigos como meio de revitalizar a sociedade. Um dos pensadores aristotélicos mais relevantes do Renascimento é Pedro Pomponazzi (1562-1525), que através de seu “*Tratado da Imortalidade da Alma*”, desafiou a noção de mortalidade da alma, argumentando que a mortalidade da alma não podia ser provada pela razão e sendo uma questão de fé. Isso o colocou em conflito com a Igreja que defendia a imortalidade da alma como parte de sua doutrina. Importante ressaltar que ele não negou a imortalidade, mas argumentou que era impossível comprovar esse conceito com certeza absoluta através da razão. Isso levou a debates sobre a relação entre filosofia e religião devido à influência considerável da Igreja na Europa. (Reale 2005)

O contexto da arte renascentista é paralelo ao filosófico, enquanto os humanistas retomavam textos antigos clássicos, artistas estudavam a arte clássica. Entretanto, eles não estavam interessados em apenas imitar a arte clássica, mas compreender os princípios adjacentes que conceberam tais obras, combinando suas habilidades práticas com o objetivo intelectual na intenção de reproduzir o mundo de maneira mais realista possível em suas obras. Procuraram não só técnicas inovadoras, mas maneiras de disseminar suas ideias, de maneira que servisse aos propósitos de seus apoiadores. Em contraste ao período medieval, onde os artistas possuíam

posição econômica e social mais semelhante aos artesãos, no Renascimento muitos artistas se destacaram por agirem de maneira que ia além da mera expressão criativa. Eles adotaram uma abordagem mais intelectual a sua arte, explorando o conhecimento do passado e da filosofia, buscando uma compreensão mais aprofundada do mundo. Ao incorporar estes conhecimentos em suas obras, eles não apenas elevaram o nível de sofisticação de suas criações, mas também redefiniram o próprio papel do artista na sociedade. (Janson *et al*, 2011)

Neste cenário, um dos artistas que se destacavam pela sua dicotomia na representação artística era Michelangelo Buonarroti, suas obras eram conhecidas por se relacionarem ao racionalismo humano e proporções perfeitas, mesmo quando recebia críticas de introduzir o pagão onde se esperava o religioso.¹ Entre os anos de 1536 e 1541, Michelangelo trabalhou na obra *Juízo Final* da Capela Sistina. A obra traz referência ao evento bíblico cristão que Jesus Cristo retorna à terra para julgar os vivos e os mortos (ver figura 1). Apesar da representação assertiva sobre a temática do conceito de mortalidade da alma adotado pelos cristãos, a obra estava longe de agradar o pensamento predominante da época² pela escolha racional e humanizada de interpretar personagens divinos (Neret, 1998):

O Cristo de Michelangelo não está sentado nem tem barbas, o que provocou escândalo. É um belo e jovem atleta imberbe que avança, de braço levantado, não num gesto de condenação terrível e definitiva, mas antes num gesto apaziguador que marca o fim dos tempos e o ato final das vicissitudes humanas (Neret, 1998, p.68)

O que é possível traçar para além das interpretações iconográficas da obra é que ao levar em consideração o contexto pós-medieval, que foi marcado por um período de intensa atividade teológica, ao transacionar para a época renascentista, a figura de um Jesus apaziguador e racional pode representar uma mudança de paradigma quanto aos medos e anseios de uma sociedade que se relaciona com os temas relacionados ao papel do homem na natureza, transcendendo a dimensão religiosa e se tornando um retrato da racionalidade humana. (Neret, 1998, pág. 78)

Nesse contexto, surge o seguinte questionamento: ao utilizar critérios de análise e interpretação de obras de arte³ para analisar o *Juízo Final* de Michelangelo, levando em consideração o *De Anima* de Aristóteles e o contexto histórico e filosófico da sociedade renascentista, abordando a perspectiva do debate a respeito da mortalidade e imortalidade da alma, podemos estabelecer conexões entre a filosofia e a representação artística? Para discutir essa questão, a pesquisa busca unir filosofia e representação artística, durante um período caracterizado por intensas mudanças culturais e intelectuais.

A seguinte pesquisa propõe a exploração interdisciplinaridade entre a filosofia presente no conceito de mortalidade da alma no livro *De Anima* de Aristóteles e a representação artística

¹ Michelangelo frequentemente representava figuras religiosas fora do padrão rigoroso medieval, como pode ser ver por exemplo na obra *Crucifixo do Convento Santo Spirito* de 1492, onde é representado um Cristo em madeira, integralmente nu, talhado aos dezessete anos (Neret, 1998).

² Em representações anteriores, Cristo Juiz era representado em conformidade com a descrição de São Mateus: Sentado no trono da sua glória, tendo ao seu lado os apóstolos também sentados nos tronos das doze tribos de Israel. (Neret, 1998, p.68)

³ Susan Woodford através do seu livro *A Arte De Ver A Arte* (1983) explora 4 metodologias de análise de obras de arte nas quais serão melhor exploradas posteriormente.

da obra *Juízo Final* de Michelangelo. Ao demonstrar a possível interação entre disciplinas e fazer uma análise filosófica a partir de uma perspectiva contextualizada da obra de arte, a pesquisa pretende incentivar a interdisciplinaridade em abordagens acadêmicas e colaborações entre pesquisadores de áreas de campos diferentes, além de promover a reflexão crítica ao considerar a arte como meio de transmissão de ideias filosóficas.

A justificativa deste trabalho reside na contribuição acadêmica e prática e na concepção de que o estudo histórico não se desvinculam do processo de pesquisa filosófico ou artístico, assim como não há necessidade de sobreposição de uma disciplina em relação a outra, uma vez que são elementos constituintes da produção de conhecimento.

Como objetivo geral a presente pesquisa busca traçar um elo entre o conceito de mortalidade da alma em *De Anima* de Aristóteles, e a obra *Juízo Final* de Michelangelo. E possui também como objetivos específicos: Analisar o conceito de mortalidade da alma em *De Anima* de Aristóteles, discutir o contexto histórico do Renascimento sob o contexto da obra *Juízo Final* de Michelangelo e analisar a obra *Juízo Final* de Michelangelo levando em consideração o contexto filosófico.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a análise do conceito de mortalidade da alma no livro *De Anima* (384 A.C). de Aristóteles, serão destacados e examinados os trechos e a abordagem aristotélica sobre a relação entre alma e o corpo, a natureza da alma e sua finitude, bem como suas implicações metafísicas. Essa metodologia visa estabelecer uma base consistente para compreender como esse conceito influenciou o contexto filosófico e artístico do renascimento, dentro do contexto da obra *Juízo Final* de Michelangelo.

Para discutir as implicações filosóficas a respeito do conceito de mortalidade da alma presentes em *De Anima* de Aristóteles no período do renascimento, entre os séculos XIV e XVI, sob o contexto histórico-artístico da obra do Juízo Final de Michelangelo, serão analisadas bibliografias de história da arte, como “Janson’s History of Art”(2011) e “Miguel Ângelo” (2010) e história da filosofia como “Indivíduo e Cosmo na Filosofia do Renascimento”(2001) e a “História da Filosofia”(2005) sob o pensamento crítico e interdisciplinar.

Para análise da Obra do juízo Final de Michelangelo serão adotadas o método de análise de Susan Woodford, explicitadas no livro *A arte de ver a arte* (1983). Através de sua finalidade, indagação sobre suas culturas, a sua semelhança com a realidade e a análise de seus termos de construção. Levando em consideração o conceito de mortalidades de alma em *De Anima* de Aristóteles e o contexto histórico-artístico renascentista com o intuito de identificar conexões filosóficas com a arte.

CONCLUSÃO

Como conclusão, é importante ressaltar que esta é uma empreitada inicial em um campo vasto que é a interdisciplinaridade existente entre a história da arte e a filosofia. A importância das pesquisas interdisciplinares deste estudo não apenas destaca o potencial teórico que essa abordagem pode proporcionar, mas também incentiva colaborações entre pesquisadores de diferentes áreas. Além disso, a reflexão crítica filosófica na análise de obras de arte, no âmbito de pesquisa filosófica, amplia nosso horizonte de compreensão e interpretação do mundo. A pesquisa, buscar estabelecer uma base para futuras investigações nesse campo e aponta para a

riqueza de conhecimento que pode emergir da conexão entre a filosofia e a arte, abrindo caminhos para explorar as complexas relações entre esses dois domínios do saber.

REFERÊNCIAS

Aristóteles. **De Anima**. 2ª. Ed. São Paulo: 34 Ltda, 384-322 A.C.

Camus, A. **Carnets 1**. Paris: Galimard, 1962.

Cassirer, A. **Indivíduo E Cosmos Na Filosofia Do Renascimento**. 1ª. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2001.

Chiauú, M. **Convite À Filosofia**. [S.L.]: Ática, 2000.

Janson ,H. W. Et Al. **Janson's History Of Art**. 8th. Ed. United States Of America: Prentice Hall, 2011.

Marías, J. **História Da Filosofia**. 1ª. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2004.

Néret, G. **Miguel Ângelo**. Köln, Alemanha: Taschen, 2010.

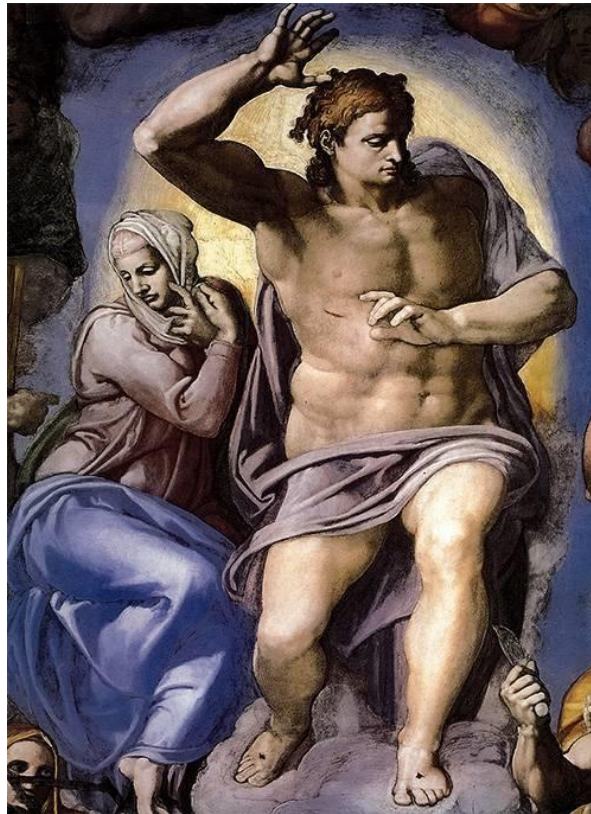
Pagliarini. E. C. M. **A formação docente para o trabalho interdisciplinar no ensino superior**. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/15348/cchsa_ppgedu_me_Eliana_CMP.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acessado em: 25/09/2023

Reale, G. **História Da Filosofia**. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus, V. Iii, 2005.

Woodford, S. **A Arte De Ver A Arte**. 1ª. Ed. Rio De Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ANEXOS:

Figura 1 - Representação de Cristo e a Virgem no Juízo Final de Michelângelo



Fonte: <<https://s3.sa-east-1.amazonaws.com/arquivos.padrepauloricardo.org/uploads/imagem/image/2642/o-juizo-final-lateral-ii.jpg>>. Acesso em: 16/10/2023